

PSICANÁLISE

Olavo Bessa

Semiótica e psicanálise

Duas teorias do signo

Blucher

SEMIÓTICA E PSICANÁLISE

Duas teorias do signo

Olavo Bessa

Semiótica e Psicanálise: duas teorias do signo

© 2023 Olavo Bessa

Editora Edgard Blucher Ltda.

Publisher Eduardo Blücher

Editor Jonas Eliakim

Coordenação editorial Andressa Lira

Produção editorial Lidiane Pedroso Gonçalves

Preparação de texto Ana Maria Fiorini

Diagramação Negrito Produção Editorial

Revisão de texto Maurício Katayama

Capa Laércio Flenic

Imagem da capa Júlia Pazzini

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

julho de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por

quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bessa, Olavo Fontes Magalhães

Semiótica e psicanálise : duas teorias do signo

/ Olavo Fontes Magalhães Bessa. – São Paulo :

Blucher, 2023.

216 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-784-9

1. Psicanálise. 2. Semiótica (Psicologia).

I. Título.

23-0568

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

1. Lidando com o mundo	17
Real e realidade	19
Fenômeno, real e realidade	32
Realidade e ficção: duas faces da mesma moeda	38
Realidade e ficção: um sistema regulador do Real	42
Realidade e ficção: há sempre uma dose de invenção	44
Distinguindo realidade de ficção	46
Por uma síntese	50
2. Real, simbólico, imaginário	51
O imaginário	55
O simbólico	57
O real psicanalítico	59
Representação e significação	62

3. Significante e significado: o signo para Lacan	69
Cadeia de significantes	74
Inferências: jogo de lacunas e presenças	92
Processo abduativo	97
Processo indutivo	100
Processo dedutivo	103
O lugar do observador	105
4. Triângulo semiótico: o signo para Peirce	111
Aquisição do fenômeno, instâncias do signo e semiose	118
Primeiridade	135
Secundidade	144
Terceiridade	153
Relações entre as instâncias: a semiose	160
Dinâmica da semiose	169
5. Relação entre a cadeia de significantes e a semiose	185
Quatro notas conclusivas	209
Referências	211

1. Lidando com o mundo

Um amigo físico me disse uma vez: “Não conseguiremos nunca ter um diálogo razoável sobre qualquer assunto se antes não entrarmos em acordo sobre a definição que estamos dando às palavras”. Ele me disse isso depois de uma breve discussão. Éramos professores na mesma instituição de ensino e estávamos conversando sobre mudanças ocorridas no nosso ambiente de trabalho. Eu, então, querendo melhorar o astral, disse que a vantagem do ser humano é que ele se adapta com muita facilidade às mudanças do ambiente. Ele disse que a capacidade de adaptação do homem era, se não exatamente a mesma, pelo menos idêntica à de qualquer outro animal. Eu tinha em mente as mudanças comportamentais imediatas, em função do ambiente; ele tinha em mente as transformações biológicas, também em função do ambiente. Depois de algumas trocas efusivas de palavras, um achando que o outro sustentava um conceito errado, entendemos que apenas tínhamos atribuído um valor diferente para a mesma palavra. Ponderamos e entramos no acordo de que a palavra que melhor se encaixaria no meu discurso, que melhor explicaria o que eu queria dizer e daria menos

margem a dúvidas, seria *ajuste*. Entre nós e para aquele discurso decidimos que a palavra *ajuste* implicaria uma atividade deliberada de correção ou alteração do estado de algo, enquanto *adaptação* teria um caráter menos ativo, pois seria algo que poderia acontecer como consequência de uma mudança ou emergir a partir de novas circunstâncias. Na verdade, não importa se havíamos dado um significado correto às palavras, o importante é que, tendo entrado em acordo quanto à definição de cada vocábulo, pudemos prosseguir produtivamente a nossa conversa.

Essa foi a motivação para criar este capítulo. Precisamos entrar em acordo sobre quais são os significados que estamos dando às palavras. Tratarei da questão do *real* e da *realidade* pela absoluta necessidade de destacar os fatos que acontecem no mundo concreto, como fenômeno, dos fatos que são reconstruídos em nossas mentes, a partir do fenômeno, e que podem ser chamados de realidade ou real interpretado. Não que o real possa existir fora de nossas mentes, mas ele é aquela parte formada em nossa mente sobre a qual não temos nenhum controle.

Será explicada, também, a relação entre *significante* e *significado*, não somente pelo ponto de vista da semiótica, mas também pelas observações avançadas pela semiologia de Saussure e pela psicanálise com base principalmente no discurso de Jacques-Alain Miller proferido durante as conferências caraquenhãs, mas também a partir de outras vozes, como Recalcati e Greco. A ideia não é entrar profundamente no argumento, mas relacioná-lo com o tópico que explica a diferença entre real e realidade, estabelecendo uma ligação entre significante e significado.

Além de entrarmos em acordo sobre as definições dos termos centrais deste estudo, acho necessário explicar os termos presentes no discurso acerca do triângulo semiótico de Peirce, como primariedade, secundariedade e terciriedade. Esses três conceitos estão

envolvidos em três momentos operacionais do pensamento, já que nosso processo de apropriação do real e sua transformação em realidade ocorrem por meio de leituras, análises e proposições que fazemos a partir do mundo fenomenológico. É na base desses três estádios do signo semiótico que se desenrola a semiose, ou seja, o processo de significação proposto pela semiótica.

Real e realidade

Esses são dois termos usualmente empregados de maneira indistinta. Ambos, no entanto, não podem ser exatamente a mesma coisa, visto que *realidade* é *real* somado ao sufixo *-idade* (real + (i)dade). Esse sufixo substantiva adjetivos, como acontece com o adjetivo feliz, que, substantivado, se torna felicidade ou belo, que se torna beldade. O termo *realidade*, portanto, é uma substantivação do adjetivo *real*.

Acontece que a palavra real pode ser tanto um adjetivo como um substantivo. Que há distinção entre real adjetivo e realidade substantivo não se discute, além do mais, esse é um assunto que não interessa muito a este estudo. Temos, então, que confrontar real (o substantivo) com realidade (o adjetivo real, substantivado) e entender no que ambos os termos podem diferir um do outro.

Simões (2009), na sua dissertação de mestrado intitulada *Estudo semântico e diacrônico do sufixo -dade na língua portuguesa*, demonstra sua preocupação com a falta de atenção a essa desinênci e a seu significado. Podemos dizer que, por um lado, estamos perseguindo um significado intrínseco ao termo *-dade*, por outro, o significado somente poderá ser gerado se o fizermos a partir do sentido expresso pelos valores em uso naquele contexto de análise. Para Simões, o afixo *-dade* “é detentor de um valor sistêmico

depreendido do valor contextualizado do vocábulo derivado”, e isso indica que a partícula -dade é polissêmica. A autora apresenta diversos estudos que consideram o sufixo -dade, sendo recorrente nas fontes consultadas a indicação de que o termo está ligado a uma “qualidade abstrata”, e conclui reafirmando essa ideia dizendo que “são abstratos os termos que aludem às ações, aos estados e às propriedades”. Diz também que “certos conceitos abstratos têm uma face concreta por tendências de cunho figural (como o uso de metáforas e metonímias), que influenciam não apenas os produtos derivados, mas também as próprias bases de sua formação” (p. 207). Originalmente, no latim, o termo -dade esteve relacionado à qualidade daquilo que está expresso na base do vocábulo. Então, enquanto metáfora ou metonímia, a realidade não é o real, mas a substituição daquilo que é real por uma qualidade abstrata. Realidade pode ser definida, também, em seu aspecto polissêmico, como: “o fato de ser real”; “propriedade/qualidade de ser real”; “aquele ou aquilo que é real”; e a partir do século XIX também pode ser entendida com o sentido de “conjunto do que é real”. Acostou-se a essas considerações lexicais a interpretação de Heidegger (1927/2002), que, mesmo não criando uma distinção entre as palavras real e realidade, explica com clareza, no seu livro *Ser e tempo*, a existência de algo que ocorre fora da mente (extra-mentis) e de algo que ocorre dentro da mente (intra-mentis).

A discussão entre o que acontece dentro e fora da mente se complica quando factualmente ocorre a ilusão, pois, em si mesma, a ilusão é real e verdadeira, apesar de ocorrer na mente. Ainda que a ilusão seja algo que acontece intra-mentis, como ficção, é também algo que está extra-mentis, enquanto é um fenômeno que existe concretamente em forma de sinapses e não apenas no imaginário. De qualquer forma, o que interessa aqui é a compreensão de que há coisas que ocorrem extra-mentis, no mundo dos fenômenos, e por um processo de idealização essas coisas se tornam

algo intra-mentis, no mundo das ideias. A tentação de correlacionar real e realidade à interpretação de Heidegger, mencionada no parágrafo anterior, é grande. Poderíamos propor que o termo real fosse empregado para designar o que é extra-mentis e realidade para definir o que é intra-mentis. Aqui a questão é bastante sutil, mas é fundamental precisar que o conceito de real que se está defendendo não é aquela parte que existe independentemente da minha mente ou da minha existência, mas é justamente aquela parte que minha mente não pode de forma alguma manipular. O real é aquela parte mentalmente introjetada sobre a qual não temos nenhum controle, e que, portanto, não podemos modificar, a menos que intervenhamos sobre a fisicidade das coisas. É provocado por elementos extra-mentis, condicionantes do pensamento que não podem ser interpretados de modos diferentes, pois simplesmente existem *di per se*.

Um psicanalista italiano, Massimo Recalcati, em um brevíssimo artigo (Recalcati, 2012) que expõe uma clara crítica ao seu campo de atuação, explica a distinção entre real e realidade pelo ponto de vista psicanalítico. O autor diz que a psicanálise, por certas teorias, mas também por certas práticas, autoriza o terapeuta a ter uma espécie de delírio da interpretação. Ele cita três casos: um caso em que um famoso analista se precipita a interpretar a decisão de cortar a barba tomada por um paciente como um comportamento anal-agressivo, sinal de *transferência* negativa, que é a condensação de vivências dolorosas e projetadas, neste caso, sobre o próprio analista; um outro caso, com o protagonismo de Melaine Klein, que, não tendo suspenso seu trabalho de analista durante a Segunda Guerra Mundial, interpretou como *defesa* o terror de um menino que, no momento da sessão psicanalítica, procurou refúgio quando ouviu o barulho dos bombardeiros alemães nos céus de Londres; e, por último, cita um caso em que um importante analista italiano explica que, se durante a sessão um paciente conta

que ficou entretido com sua caixa postal abarrotada de e-mails, isso significa que naquela sessão ele está com dificuldades para falar de si, significa que ele está sentindo que sua palavra está obstruída. Expostos tais eventos, para além de essas afirmações serem plausíveis ou não, Recalcati é bastante eficaz em explicar como o delírio hermenêutico dos psicanalistas contribui para dissolver a realidade concreta em um conjunto de projeções fantasmáticas do sujeito. O mundo interior cobiça integralmente o mundo exterior, e a realidade psíquica acaba coincidindo com a própria realidade. Recalcati menciona que Freud dizia que o psicanalista, na arte da interpretação, corria o risco de dar aval a uma versão paradoxal do jogo de cara ou coroa: se der cara eu venço, se der coroa você perde.

O real, no entanto, não pode se confundir com a realidade, e tanto menos a realidade pode se confundir com a interpretação que damos dela. O que ocorre, porém, é que, muito frequentemente, não somente os psicanalistas substituem a realidade efetiva por uma realidade psíquica: nós também o fazemos. Todos nós cedemos à tentação de lidar com o mundo não por aquilo que ele objetivamente é, mas pela mediação das interpretações que damos a ele. Uma projeção autoritária do que eu sou e penso sobre aquilo que o mundo é, constringendo-o a se tornar aquilo que eu projetei para ele ser.

Em 2012, Recalcati fez menção a um termo cunhado por Maurizio de Ferraris: “inemendabilidade”. O texto mais antigo apresentando o termo criado por Ferraris que eu encontrei foi um artigo de 8 de agosto de 2011, escrito para o jornal italiano *La Repubblica*. Sobre o termo, Ferraris explica:

Mas a água molha e o fogo queima, quer eu saiba disso, quer eu não saiba, independentemente da linguagem e da categoria. Até um certo ponto, tem alguma coisa

que resiste. É aquilo que eu chamo de “inemendabilidade”, a característica saliente do real. O que pode ser certamente uma limitação, mas que, ao mesmo tempo, nos fornece exatamente aquele ponto de apoio que nos permite distinguir o sonho da realidade e a ciência da magia. (Ferraris, 2011)¹

O autor denuncia que, muitas vezes, falta esse ponto de contato com o real, reduzindo o ato psicanalítico, sobretudo nas linhas anglófonas, que tendem a ser mais literais, de uma interpretação a uma mera ilação priva de sustentação. Em contrapartida, diz ainda Recalcati, existe outra versão da psicanálise que a quer não como uma teoria da interpretação dentre outras, mas como uma teoria e uma prática dos limites da interpretação. Sobre a questão da interpretação e de seus limites, recomendo dois livros de Umberto Eco (1990, 1992/1993) sobre o assunto ou o texto intitulado *Lector in Fabula* (Eco, 1979/1986). Por ora, é importante, como acusa Recalcati, dizer que os novos realistas e os hermeneutas se descuidam em discernir o real da realidade, acabando por usar esses dois termos como se fossem sinônimos, mas existe uma explicação psicanalítica abordada por Recalcati que os distingue. O real tem um caráter permanente, mas a realidade assume características dessa permanência, como se fosse independente da vontade do sujeito, mas na verdade envolve a própria pessoa que a constrói. O autor diz que:

Olhando-me ao espelho não me surpreendo que seja eu, e que este eu que sou não coincida de fato com a imagem refletida, ainda que eu me reconheça naquela imagem. Do mesmo modo, se olho um chinelo

1 Todas as citações de obras em língua estrangeira foram traduzidas por mim.

abandonado num quarto, não duvido que seja um chinelo e que, como tal, seja destinado a certos usos e não a outros. A realidade, no entanto, exatamente por esses atributos de permanência e de independência da minha vontade – insinuaría Lacan –, é um sono. No sentido em que, por causa da nossa frequência habitual da realidade – a minha imagem no espelho, o chinelo no quarto –, tendemos a adormecer, isto é, pressupomos que a realidade responda a uma certa ordem naturalmente evidente. Eu sou eu, o chinelo é o chinelo. Se caminho pela rua, não me pergunto se os edifícios que estão à minha volta podem desmoronar ou não existir. Atribuo a eles alguma credibilidade, como aquela que David Hume atribuía à probabilidade de que o Sol ressurgiria também amanhã. Nesse sentido, a nossa vida é feita a partir da rotina da realidade. (Recalcati, 2012)

Recalcati pergunta: “E o real? Quando encontramos o real?”. O autor explica que, para Freud, nos encontramos com o real nos pesadelos, ou seja, “em alguma coisa que nos acorda e nos impede de continuar a dormir”, e completa: “porque chegamos muito perto da verdade do nosso ser pulsional” (Recalcati, 2012). O encontro com o real é sempre o encontro com um limite que nos chacoalha, quer dizer, é o encontro com a força de alguma coisa que nos impede de continuar a dormir. Segundo o autor, estamos falando de eventos acachapantes, como a aparição de um nódulo que nos ameaça na expressão de uma doença mortal, a perda de um trabalho que coloca em risco a nossa existência e a existência da nossa família, a recorrência de um comportamento sintomático que nos lesa e que nenhuma interpretação consegue fazer regredir; mas também um novo amor, o nascimento de um filho, uma experiência mística, o encontro com uma obra de arte, uma invenção científica, uma

conquista coletiva. Tudo aquilo que nos acorda do sono da realidade é real, incluindo os pesadelos sobre os quais nos fala Freud. Trata-se de uma forma radical do “inmendável”, diz Ferraris também na fala de Recalcati. Quando esses fenômenos fortes acontecem é que tocamos aquelas partes salientes do real. E, sobre isso, o autor continua dizendo:

não posso escapar da morte, tampouco posso escapar dos efeitos que me provocam a leitura perturbadora de um livro, a visão de um filme ou de um quadro. O real é algo do qual não se pode fugir. Nesse sentido, o real para Lacan está associado a um trauma que introduz na nossa vida uma descontinuidade que interrompe o sono rotineiro da normalidade da realidade. Sou verdadeiramente aquele eu que vejo no espelho? (seria realmente necessário, porém, fazer essa pergunta quando estamos sendo atravessados pela angústia?). O chinelo é somente um chinelo? (seria bom perguntar a um fetichista de pés...). (Recalcati, 2012)

No discurso do autor, se fosse necessário dar uma definição seca para o termo real, poder-se-ia dizer que este não coincide nunca com a realidade, mas é aquilo que a rompe. Menciona, a propósito, a definição dada por Umberto Eco sobre o *realismo negativo*, aquele realismo que introduz a realidade a partir da sua resistência irreduzível à interpretação, e sustenta que, por certo viés, trata-se da mesma definição de Lacan: “o real é aquilo que resiste ao poder da interpretação. Com um adendo decisivo e uma distinção: o real não coincide com a realidade, pois a realidade tende a ser o véu que recobre a asperidade escabrosa – ‘inmendável’ – do real” (Recalcati, 2012). Isto ocorre, segundo Recalcati (2013), não porque o real seja uma coisa em si mesma, numênica, que a realidade

aparente envolveria – o que acabaria fatalmente por reproduzir um velho esquema metafísico –, mas porque a realidade se constitui socialmente a partir da necessidade de, justamente, neutralizar a asperidade escabrosa do real. Diz Recalcati que a psicanálise sinaliza a tendência dos seres humanos de “procurar abrigo no sono da realidade para neutralizar o trauma do real. A realidade é o analgésico do real. É uma tela que serve para proteger a vida: eu sou eu, o chinelo é o chinelo”. E conclui dizendo que, depois do ataque de 11 de setembro às Torres Gêmeas, alguém escreveu: “agora que fomos constrangidos a acordar, façam-nos dormir novamente o mais rapidamente que puderem. Nos deem de novo o sono da realidade” (Recalcati, 2013).

Bem, mas o que diz Peirce sobre a questão do real e da realidade? O autor entende que o assunto é central para o seu estudo, a ponto de dedicar muitas linhas para falar diretamente sobre o assunto ou abordá-lo indiretamente por meio do Realismo. Ele diz que real e realidade são palavras inventadas recentemente – no século XIII –, com significados absolutamente claros para ser aplicados à filosofia. Para ele, “algo é real por ter tais e tais características, quer alguém pense que aquele algo tenha aquelas características, quer pense que não as tenha” (Peirce, CP 5.430 Cross-Ref:††).² Por essa afirmativa, fica claro que, a partir do seu ponto de vista, basta que algo nos alimente com informações descritivas, que mostre suas características, para ser considerado pertencente ao domínio do real. O autor diz que esse é o sentido

2 O termo CP 5.430 Cross-Ref:†† é relativo aos *Collected papers*, textos de Peirce editados por C. Hartshorne e P. Weiss (1931-1935) e por A. W. Burks (1958), publicados em oito volumes. A sigla CP significa *Collected papers*. O número que antecede o ponto é referente ao volume e os números subsequentes indicam o parágrafo. O termo Cross-Ref:†† indica que na versão digital há o direcionamento para uma matriz de referências cruzadas sobre o assunto. Todas as referências aos *Collected papers* seguem essa mesma lógica.

que, pelo menos, os pragmatistas dão à palavra real. Peirce (CP 5.432 Cross-Ref:††) repete o conceito, dizendo que: “o que qualquer proposição verdadeira afirma é real, no sentido de ser como é, independentemente do que você ou eu pensemos sobre aquilo”. Peirce (CP 5.405 Cross-Ref:††) dedica, porém, um longo trecho de reflexões a discutir o termo realidade, e começa dizendo:

Abordemos agora o tema da lógica e consideremos uma concepção que particularmente diz respeito a ela: a da realidade. Tendo clareza no sentido da familiaridade, nenhuma ideia poderia ser mais evidente do que essa. Cada criança a usa [a realidade] com perfeita segurança e nem sonha que não a compreende. Quanto a ter clareza em um segundo grau, no entanto, a realidade provavelmente se tornaria um enigma para a maior parte das pessoas, mesmo para aquelas com as mentes mais reflexivas, que buscariam uma definição abstrata do real. Tal definição talvez possa ser alcançada se considerarmos os pontos de diferença entre a realidade e o seu oposto, a ficção. Uma invenção é um produto da imaginação de alguém; tem características impressas pelo seu pensamento. Aquilo que essas características são, independentemente de como você pensa ou eu penso, é pertencente a uma realidade externa. Há, no entanto, fenômenos dentro de nossas mentes que são dependentes do nosso pensamento, mas, ao mesmo tempo, são reais, dado que nós realmente os pensamos. Apesar de suas características [do fenômeno] dependerem de como pensamos, eles [os fenômenos] não dependem de como nós pensamos que essas características sejam. Assim, um sonho tem uma existência real como um fenômeno mental se alguém realmente o sonhou; que uma

pessoa o tenha sonhado desta ou daquela forma não depende do que alguém pensa que tenha sido sonhado, mas é algo que acontece independentemente de todas as opiniões sobre o assunto. Por outro lado, considerando-se não o fato de sonhar, mas aquilo que foi sonhado, ele [o sonho] mantém suas peculiaridades, em virtude de nenhum outro fato além daquele que foi sonhado possuir [tais peculiaridades]. Dessa forma, podemos definir o real como aquele cujas características existem, independentemente de como qualquer pessoa possa pensar que elas sejam. (Peirce, CP 5.405)

A partir das palavras de Peirce, podemos observar algumas questões importantes: (1) a realidade tem uma contiguidade, mas não se mistura com o real porque a realidade é um processo mental que nos aproxima da lógica e o real tem uma compulsória existência na mente, independentemente de como usamos a lógica para significá-lo; (2) a realidade é posta por Peirce como o contrário da ficção e, de fato, o é, porém não são opostas pelo fato de os elementos da realidade terem a sua origem no real e os elementos da ficção não a terem, aliás, tanto a realidade quanto a ficção têm uma forte matriz imaginária, portanto elas são opostas pela probabilidade de coerência que seus elementos estabelecem em correspondência aos elementos do real; (3) real é aquilo que existe, independentemente do pensamento que qualquer pessoa possa ter, ainda que esteja subentendida a necessidade de que alguém perceba o fenômeno para que o real possa existir; (4) mesmo nas construções ficcionais mais dissociadas da realidade há sempre algo ligado ao real, pois tais construções tanto se apoiam em fenômenos de referência presentes no real (que Peirce chama de realidade externa) e que servem para a criação do imaginário quanto são, em si mesmas, o concreto fenômeno de sinapses que ocorrem

no real durante o pensamento; (5) entende-se que o real é depreendido das características que ele mesmo possui, independentemente de como nós possamos pensar que essas características sejam, enquanto a realidade é absolutamente dependente do nosso pensamento e julgamento, uma vez que acontece como resultado de um processo lógico; (6) podemos ir um pouco além, agregando outras falas de Peirce (CP 2.650 Cross-Ref:††; CP 4.43 Cross-Ref:††; CP 5.406 Cross-Ref:††; CP 5.96 Cross-Ref:††; CP 5.597 Cross-Ref:††; CP 8.284 Cross-Ref:††) quando separa ficção de realidade, para inferir que existem duas formas de lidar com o real: uma forma cuja consequência é a chamada realidade e outra cuja consequência é a chamada ficção, sendo que a realidade decorre de construções mentais mediadas por ligações diretas existentes com o real e a ficção é uma construção que, mesmo tendo sido feita a partir do real, não tem uma imediata relação com ele.

É importante repetir que o real não é somente o mundo físico existente apesar de nós, mas é o mundo físico representado, ou seja, é o mundo físico com o qual nossa percepção consegue lidar, mas que não é de forma alguma alterada pelos nossos processos cognitivos. Para intervir no real é necessário tocar diretamente o fenômeno e, assim, mudá-lo concretamente. Se observarmos outro trecho dos *Collected papers*, Peirce (CP 2.650 Cross-Ref:††; CP 4.43 Cross-Ref:††; CP 5.406 Cross-Ref:††; CP 5.96 Cross-Ref:††; CP 5.597 Cross-Ref:††; CP 8.284 Cross-Ref:††) diz sobre o real:

Só temos que parar e considerar por um momento o que se entende pela palavra real, e toda a questão logo torna-se visível. Os objetos são divididos, de um dos lados, em ficções, sonhos etc., do outro lado, em realidades. Os antecedentes são aqueles que existem apenas na medida em que eu, você ou alguém os imagina; os últimos são aqueles que possuem uma existência

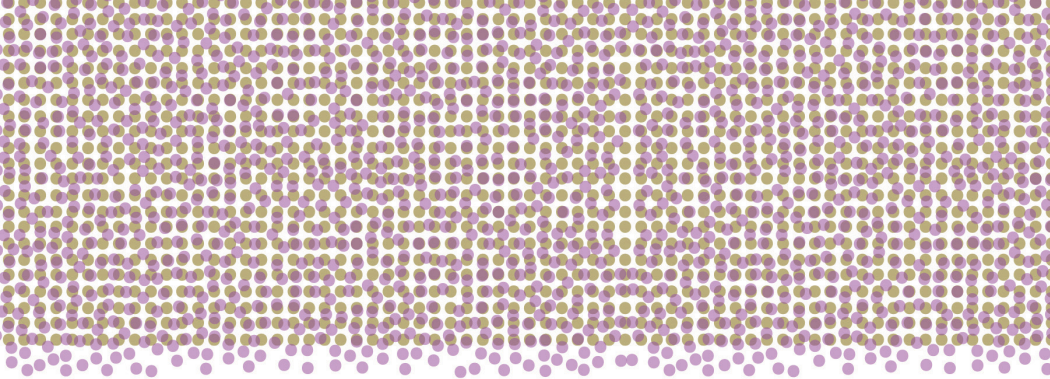
independentemente da sua, da minha ou da mente de qualquer quantidade de pessoas. O real não é tudo aquilo que pensamos que ele seja, mas é aquilo que não é afetado pelo que quer que possamos pensar sobre ele . . . Onde o real, aquela coisa que existe independente do como eu a possa pensar, pode ser encontrado? Tal coisa deve existir, pois nossas opiniões são restringidas; há algo, portanto, que influencia nossos pensamentos e não é criado por eles. Não temos, é verdade, nada imediatamente presente para nós além de nossos próprios pensamentos. Esses pensamentos, no entanto, foram provocados por sensações, e essas sensações são circunscritas por algo que está fora da mente. Essa coisa que está fora da mente, que afeta diretamente as sensações e por meio da qual a sensação “pensa”, uma vez que está fora da mente, independentemente de como a pensamos, é, em síntese, o real. (Peirce, CP 8.12 Cross-Ref:†† §2. Formulation of realism)

No mesmo texto, mas falando sobre a realidade, Peirce diz que:

*As explicações em vigor sobre a controvérsia realista-nominalista são igualmente falsas e ininteligíveis. Dizem que elas são derivadas, em última análise, do Dicionário Bayle; de qualquer forma, não se baseiam em um estudo de autores. “Poucos, muito poucos, por cem anos”, diz Hallam com verdade, “violaram o repouso das imensas obras dos escolásticos”. E, ainda, é perfeitamente possível afirmar, então, que ninguém pode deixar de compreender qual era a questão e como pode haver duas opiniões sobre ela. Os universais são reais? . . . A questão, portanto, é se **homem, cavalo e***

outros nomes de classes naturais correspondem a qualquer coisa que todos os homens, ou todos os cavalos, realmente tenham em comum, independente do nosso pensamento, ou se essas classes são constituídas simplesmente por uma igualdade na maneira como nossas mentes são afetadas por objetos individuais [cada homem, cada cavalo] que não têm, em si mesmos, qualquer semelhança ou relação uns com os outros. Já que essa é uma questão concreta para a qual mentes diferentes responderão naturalmente de maneiras opostas, é evidente que a realidade, tal como foi apenas definida, pode ser considerada por esses pontos de vista distintos. . . . Todo pensamento e opinião dos seres humanos contém um elemento arbitrário, acidental, dependente das limitações circunstanciais, de poder e de inclinação do indivíduo; em resumo, um elemento de erro. Mas universalmente a opinião humana, em longo prazo, tende a assumir uma forma definitiva que é a verdade. (Peirce: CP 8.12 Cross-Ref:†† §2. Formulation of realism)

Os três últimos trechos dos *Collected papers* referidos anteriormente apresentam diversos conceitos importantes para a compreensão da semiose, porém pretendo explicá-los mais especificamente adiante. Por ora apresento somente algumas considerações feitas a partir do pensamento de Peirce sobre *realidade e real*, incluindo algumas reflexões que vão além da fala do autor, mas que foram consideradas oportunas para a orientação do tema como uma conjectura própria. Um pouco mais adiante introduzo a representação de um modelo que resume o funcionamento do processo de significação (Fig. 1.1). Esse modelo torna gráfico o que já foi dito sobre real, realidade e ficção, mas será ilustrativo também para os tópicos que se seguem.



Este livro discute sobre linguagem, matéria fundante tanto para a Semiótica como para a Psicanálise. A linguagem é uma zona de interseção entre os nossos sentidos e os fenômenos que nos circundam e provoca em nossas mentes representações, significações e interpretações. É por meio da linguagem que o real, a realidade e a ficção são conformados como emaranhados sensoriais e cognitivos, réplicas do mundo factual.

Enquanto a Semiótica está mais bem aparelhada para lidar com um presente fenomenal e observa os aspectos mais estruturalistas da linguagem, a psicanálise, além de observar aspectos estruturalistas, é capaz de entender como o indivíduo se implica na construção de um presente existencial. É justamente por causa da compreensão que a teoria psicanalítica tem sobre o papel do indivíduo no processo de significação que as duas teorias se tornam complementares.

PSICANÁLISE

ISBN 978-65-5506-785-9



9 786555 1067859



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Semiótica e psicanálise

Duas teorias do signo

Olavo Bessa

ISBN: 9786555067859

Páginas: 216

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023
